

Stadium

N.º 297

11 de Agosto de 1948

Preço: 2\$50

A REVISTA GRÁFICA DE DESPORTOS DE MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO



Foto: JORGE GARCIA

IMAGENS DA VOLTA

Na descida de St.ª Leocádia.
Ao alto, Fernando Moreira, o
homem que corre na miragem
da camisola amarela

Os estrangeiros obrigam os portugueses a darem o seu máximo!

(De RODRIGUES TELES, nosso enviado especial)

Os corredores já estavam na meta das Caldas da Rainha, quando o italiano Attilio nos diz em conversa amena, que, esta Volta, pelos valores que andam na grande prova, lhe parece uma bela corrida.

— Gosto do ambiente que vim encontrar em Portugal. Tenho esperanças numa boa classificação. Perder a camisola amarela que, aliás, pesa como chumbo e nos tolhe os movimentos, não significa nada.

Chupin, ao pé de nós, sorriu para o italiano, e limitou-se a afirmar: — Eu também tenho ainda alguma coisa para dizer nesta longa e dura caminhada. Mas possuir a camisola não deixa de nos agradar.

A caminho de Tomar, o ataque ofereceu aspectos curiosos. Étaipa bem disputada. Após várias tentativas de fuga, as quais representam sempre um esforço intenso, registou-se uma insistência de Bermudez e Chupin, que não deu resultado, e, sobre o fio da chegada, a máquina de Delio Rodriguez impulsou com extraordinário vigor cortou o fio da chegada.

Não é nossa intenção descrever par e passo as etapas, mas apenas dar a conhecer aos nossos leitores algumas impressões que reputamos curiosas.

Pode dizer-se que, a partir de Tomar, na rota para Castelo Branco e mais tarde para a Guarda, os corredores portugueses espiciados pelo esforço dos seus camaradas estrangeiros, desencadearam a revanche, com singular energia e grande tenacidade.

O francês Chupin perdeu a camisola a favor do outro estrangeiro, o espanhol Berrendero, mas para o facto contribuiu decisivamente a acção de Fernando Moreira. Quando, a caminho de Castelo Branco, Império e Orbaizela fugiram, o ciclista português mostrou então o seu incomparável temperamento, acabando por ganhar.

A recuperação dos portugueses acentuou-se na etapa da Guarda e foi confirmada em Viseu. A corrida de João Rebelo, e devem juntar-se-lhe os nomes de Dias Santos e Inácio Ramos, foi verdadeiramente empolgante. João Rebelo venceu na Guarda, e Império dos Santos em Viseu, este caminhando isolado durante quase todo o percurso.

Os corredores estrangeiros certamente valorosos deram nos primeiros embates a impressão de que lenariam tudo de vencida, e, afinal, começa a voltar-se o feitiço contra o feitiço...

Chupin, Attilio, Berrendero e os inseparáveis Rodriguez olham para Moreira, Rebelo e José Mar-

lins, e mesmo para outros, com o devido respeito. E não é caso para menos!

Os corredores nacionais ganham aos poucos confiança nos seus recursos...

Estamos em plena região nortenha, onde o mau tempo resolveu aparecer, com aborrecimento para todos. Em Braga, por exemplo, o dia de descanso não pôde ser apreciado, visto que a chuva e o vento impediram os passeios pela cidade ou arredores, como o Bom Jesus do Monte, Falperra e Sameiro. A noite, caiu sobre a cidade forte trovoadas.

Estes acontecimentos que não estariam no programa, talvez hajam contribuído, ou venham a contribuir ainda, para alargar um tanto a disposição dos corredores da «Volta». Os músculos vinham habituados ao calor. Num ápice, a temperatura mudou. Veremos, lá mais para diante, até que ponto influíu no trabalho dos atletas esta alteração brusca.

A «Volta» continua, evidentemente. Vamos a descer já, no sentido do mapa. Corre-se para o Sul o mais vertiginosamente possível, estamos na última semana da prova quando «Stadium» for para a rua, e alguns corredores tomam cuidado com as suas posições.

De resto, tem sido assim desde que a prova começou. A partir de Caldas da Rainha, pelo menos, a luta desenvolveu-se entre portugueses e franceses com certo entusiasmo. Os ciclistas de além-fronteiras apareceram-nos várias vezes à cabeça da classificação, como Berrendero, Emilio, Attilio, Delio Rodriguez, Bermudez e Grauss, mas também alguns portugueses os desafiaram, chegando primeiro. As tentativas dos corredores nacionais foram algumas vezes coroadas de êxito, e se nesta altura nenhum estiver à frente, pode admitir-se o acontecimento mais dia menos dia.

As ofensivas de João Rebelo, Moreira, Império, Mourão, Maximiano Rola, os mais animosos, pelo que se tem visto, devem produzir efeito, em nosso entender. As únicas proezas de vulto, até Braga, residiram na boa média da etapa Tomar-Castelo Branco, na boa vantagem de Rebelo na Guarda, vantagem que lhe ia dando naquela altura a «camisola amarela», e na fuga estupefata de Grauss.

A luta, entretanto, tem sido viva, podendo afirmar-se sem reboço que os corredores nacio-

nais, tomando por exemplo os estrangeiros, defendem as suas posições com muito cuidado e inteligência.

Não se pense, entretanto, que uns e outros se apreciam com maus olhos. Os portugueses têm acamarado com os seus adversários, apreciam-se com simpatia, e até se ajudam quando é preciso. De resto, os espanhóis, os franceses e o italiano que andam na «Volta» correm por equipas portuguesas do F. C. do Porto, Sangalhos, Boanista, Académico, Rádio Marconi e Sporting.

Quanto à acção dos clubes, um apontamento merece desde já referência: — a inferioridade sportinguista em relação ao F. C. do Porto e ao Benfica. O importante clube leonino tem contado com uma equipa de valor, e em Castelo Branco, segundo as nossas informações, esteve para desistir.

As instruções recebidas de Lisboa, porém, foram terminantes: — continuar na prova. Armando Rodrigues, o activo chefe da secção do Sporting, regressou de Braga a Lisboa, e em Braga tomou o comando Guilherme Correia Cesar.

De facto, o Sporting fez bem continuando a correr. As suas tradições de grande clube desportivo assim o impunham. A sua equipa não tem correspondido, um pouco, porque Luis Longo, e Paulo Pothée desiludiram na estrada. Pelo menos, até agora.

As equipas do F. C. do Porto e do Benfica são bem mais fortes e homogêneas. Qualquer desses clubes tem segundos planos capazes de substituir um camarada que falhe, e é muito importante esta vantagem. No Sporting já desistiram João Lourenço e Duarte Patricio, um deles por desastre, mas ficou ainda com elementos para brilhar. O seu

Stadium
REVISTA DESPORTIVA
—
REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA DA ROSA 252-1.
Telefone, 31167 - USCOA
Director e Editor: DR. GUILHERME DE MATOS
Chefe da Redacção: DR. TAVARES DA SILVA
Propriedade de
EMPRESA PUBLICAÇÕES STADIUM LIMITADA

NEOGRAVURA, LIMITADA
SILVAS LIMITADA

Visado pela Comissão de Censura

melhor homem é Maximiano Rola, pois mostra-se vivo na luta, embora desacompanhado. A Longo (mais tarde, este corredor leonino havia de desistir) e Pothée faltam nervos para lutar ou suficiente preparação para a estrada. Aristides Martins ainda não pôde brilhar.

Poderá ainda o Sporting manter-se com a dignidade que todos lhe apreciamos noutras épocas? Para já afirme-se a nossa satisfação por o vermos lutar contra a falta de um conjunto de melhor categoria. Os dirigentes sabem isso muito bem, mas aconselham a prosseguir. O Sporting tem o seu nome.

O entusiasmo no Norte é indescritível: Fernando, um ídolo!

Nas últimas tiradas, antes do Porto, atravessando centros populosos, foram os corredores forçados a ler a máxima cautela com o público, colocado em fila indiana nos lados da estrada, mas fechando-a muito, exageradamente.

O entusiasmo dos nortenhos atingiu o auge e torna-se impossível relatar a maneira como se comportam através do percurso.

Julgamos que para isso deverá ter contribuído a posição do F. C. do Porto, primeiro lugar por equipas e individualmente. (Até à Povoia pelo menos). O público nortenho, aonde não faltam, positivamente, adeptos dos leões, os benfiquistas e os outros, têm pelo F. C. do Porto singular admiração. É como em Lisboa: «quem não é pelo Benfica é contra o Benfica». No Norte, — quem não é pelo Porto... vê-se em palcos de oranha!

Mas não tem surgido complicações de maior, pois só a chegada ao Estádio «Gomes de Amorim» se fez com certa dificuldade, principalmente por parte dos pelotões atrozados.

Até Arcos de Valdevez, partindo de Braga, tudo foi mais fácil. A etapa, por ser «contra religião» facilitava a missão de todos — corredores e restantes membros da caravana. A vitória de Gueguen, seguido por Apílio e Rogério Chupin, mais do que um aviso da equipa do Académico, representa a «força dos homens de pista. As estradas nortenhas são boas...

(Continua na página 15)

GRANDE BAIXA DE PREÇOS



BIGICLETAS

«HELIOS»

1.350\$00

«RALEIGH»

1.990\$00

Peçem novas tabelas

Armando Crespo & C.ª

Rua do Crucifixo, 116 a 124

LISBOA — Telefone 27027

Cada ciclista tem o seu sonho

Bons rapazes, inimigos na estrada amigos na vida, são simples e sinceros

(De RODRIGUES TELES, nosso enviado especial)

Todos os ciclistas são simpáticos. A todos, por isso mesmo, desejar-las mos ouvir, mas o tempo não o consente. Como naturalmente terá de suceder, os de maior fama são os escolhidos, pois a curiosidade pública gravita sempre à sua volta, embora não possa esquecer-se o esforço dos ciclistas de modesta classe.

Mas bem, principiámos por dar conta das impressões colhidas junto de João Rebelo e Império dos Santos; os dois populares atletas do Benfica.

O primeiro, vencedor da etapa de Viseu, mostra-se contente à chegada. Recebeu bastantes prémios dos seus admiradores, pois o Benfica é muito popular na velha cidade da Beira.

— E' sempre agradável ver o nosso esforço premiado. Não vim à procura

Afirmou-nos:

— Andámos pouco mais de 500 quilómetros. Faltam quase 1.500. Ora, como vê, há muitas energias para gastar. E... eu ainda não estou batido!

— Não entra consigo o desânimo, pelo que se vê...

— Nem há motivo para isso, não lhe parece?

— Pois evidentemente.

João Rebelo, quando bem disposto, e sucede assim quase sempre, torna-se brincalhão. O seu génio é agastado. Por isso termina por dizer:

— A grão e grão enche a galinha o papo. Os adversários são de real categoria, mas há aqui jeito para tudo...

Damos agora a palavra a um estrangeiro: — o francês Grauss, vencedor indiscutível da etapa Viseu-Braga.

— Tivemos, porém, de esperar que o simpático atleta reagisse contra o desgaste. O seu avanço obrigou-o a um esforço tremendo, e durante algum tempo não deu acôrdo de si.

Mais tarde, devidamente reanimado, afirmou-nos:

— Quando a gente se dispõe e tudo corre bem, — sucedem destas proezas. Estou muito satisfeito com a vitória, pois precisava dela. Estava muito cá para traz.

— Continua em Portugal?

— Até ao dia 23. Depois da «Volta» faço duas provas de pista, com Fernando Moreira, um camarada admirável. Vou correr na América. Tenho para lá um contrato...

— E para o ano? Desejaria voltar. Não tive ocasião de conhecer bem as estradas portuguesas. Agora é que começava a adaptação...

Mas os elementos do F. C. do Porto parece terem gostado de mim. Estive para me inscrever na «Volta a Portugal» em 1939. Não o conse-

gui. Julgo que voltarei para o ano, a fim de abraçar os amigos que cá deixo.

Era a vez de Fernando Moreira e de Berrendero, que estavam juntos. São amigos inseparáveis, aconselhando-se mutuamente. Quando em pelotão, Berrendero vigia a posição de Fernando Moreira. E vice-versa...

O brioso ciclista português não se pronuncia, como no Estádio de «José Alvalade», quando partimos. Apresenta-se reservado.

— Como funcionam esses músculos?

— Tive pouca sorte nesta etapa Viseu-Braga. Uma queda horrível deu-me cabo de um braço e de uma perna. Estou um pouco avariado.

— Desanimo?

— Ha-de fazer-se o possível...

Durante a prova encontramos vários sorredores de outros tempos pelo caminho. Ezequiel Lino e Nicolau, por exemplo, apareceram-nos várias vezes na estrada, montados em motocicletas. Ildefonso Rodrigues e José Marquês, estão na «Volta», um na sua qualidade de motorista dos homens do Algarve, e Marquês é técnico das máquinas leoninas. E não falamos de Aniceto Bruno, que desistiu para dirigir os corredores do seu clube — o F. C. do Porto. Dias Mala, antigo ciclista do Benfica, também está em Braga. João Carvalho Marquês, que é sócio de uma casa de bicicletas, com Fernando Moreira, também esteve em Braga, para animar o velocipedista português.

Falamos-lhe.

— Então, agora, anda de motocicletas...

— É mais cómodo. Mas o ciclismo interessa-me muito. Por isso cá estou.

— O que mais desejava?

— Que Fernando Moreira ganhasse a Volta...

Ildefonso Rodrigues tem o mesmo aspecto de há anos. Encontramo-lo num dos cafés, precisamente na companhia de Carvalho Marquês, seu adversário de outros tempos.

Confidenciou-nos:

— Eu não sei se andam mais os ciclistas de hoje. As médias falam, evidentemente. Há, na verdade, melhor preparação, mais cuidado com os atletas. Isso se reflecte nos êxitos das equipas.

A «Volta» deste ano parece-me rija. Mas ainda é cedo para me pronunciar.

Júlio Mourão está com a equipa do Benfica no mesmo hotel onde nos encontramos. Não é pessoa que desanima. Revela-se isso nas seguintes palavras:

— Eu sou duro. Lá irei para a frente, animado pela vontade firme de subir na classificação.



Fernando Moreira

E o Sporting? Os rapazes, após a chegada a Braga, de onde escrevemos, — resolveram descansar «de facto». Maximiano Rola está disposto a bater-se. O valoroso «leão», interrogado, afirmou:

— Estou disposto a corresponder à confiança que em mim deposita o Sporting. As coisas não me correram bem ainda. Mas até ao lavar dos castos é vindima...

Vamos partir para um «contra-re-lógio». O dia de descanso foi bem aproveitado pelos ciclistas e por todos os elementos da caravana. Os velocipedistas distraíram-se pelos cafés. A sua popularidade, grande, arrastava dzerenas de pessoas, que os acompanhavam, vitorlando-os, chamando pelos seus nomes, conhecendo-os à distância.

Chegaram até aqui muitas pessoas vindas dos arredores, e principalmente do Porto, cidade muito interessada na classificação da equipa do seu principal clube.

Não se sabe, claro está, o que poderá acontecer. Ganha um português? Um estrangeiro? Nos vários aspectos da luta, os rapazes que vieram de fora deram pública demonstração do seu valor. Mas, a partir das primeiras etapas, os nossos rapazes também se deram à luta com decisão e entusiasmo.

Há muitos quilómetros a percorrer. Mais do dobro. Na descida de Norte para Sul muitas classificações sobem e descem...

R. T.



José Martins

de prémios, mas da vitória. Todavia, como é natural, agrada o recebimento de recordações.

— E... procurará vencer mais vezes, não é verdade?

— Amanhã mesmo se for possível!

João Rebelo é um campeão de facto. Tem fibra, a máquina para ele não tem segredos, e quando resolve jogar a sua cartada, — a coisa é séria. Rebelo é um dos melhores portugueses na prova, e sabemos-lo disposto a ir mais além.

Pensão Montanha

ABERTA TODO O ANO

Em edificio próprio e instalações modernas, quartos amplos e higiénicos — Esmerado serviço de mesa com ou sem dieta

Sucursal em Fátima — Tel. 15
TERMAS DE MONTE RFAL



João Rebelo

Pensão Central

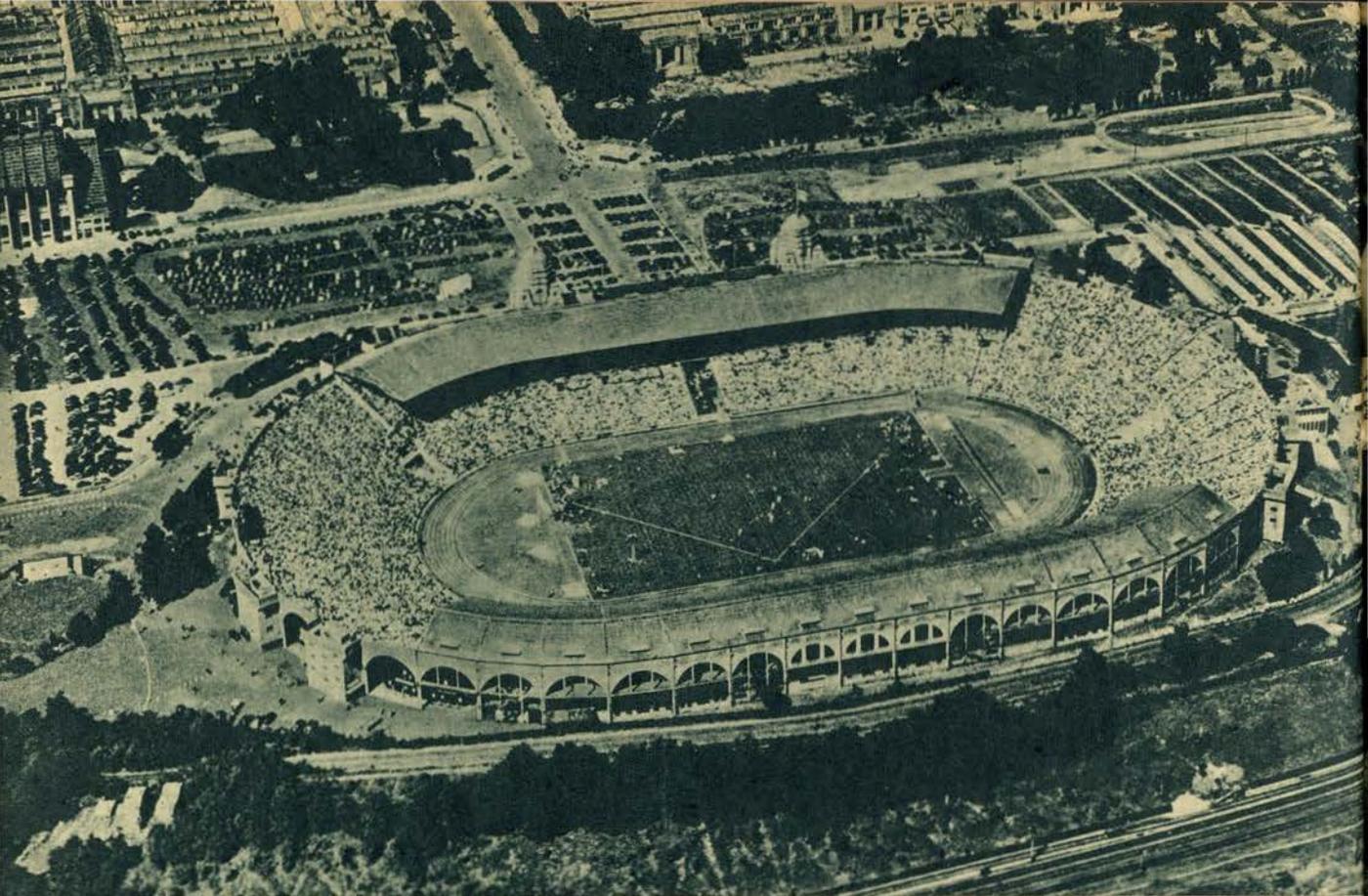
Proprietário
FRANCISCO PEREIRA

BONS QUARTOS

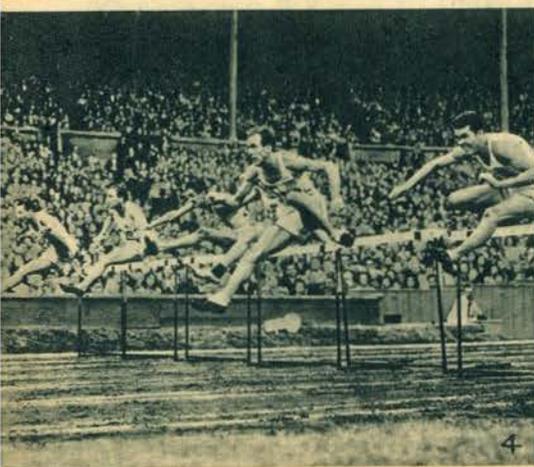
Ótimo serviço de mesa

Automóveis de aluguer

Telefone 42 LEIRIA



100.000 espectadores enchem por completo o famoso Estádio de Wembley no 3.º dia de provas dos Jogos Olímpicos seguidos com o mais vivo interesse em todo o Mundo!



1 — Vencedores da prova de 400 metros — Da esquerda para a direita: Bolen (U. S. A.) 3.º, A. Wintz (Jamaica) 1.º e H. Mc Kenley (Jamaica) 2.º classificado. 2 — Num formidável e impressionante esforço sueco H. Heriksson ganha a prova de 1.500 metros, batendo o seu camarada L. Strand. 3 — A corrida 3.000 metros «steeplechase» foi animadíssima e rijamente disputada. Neste momento, após ter passado o obstáculo difícil, segue à frente o francês Chesneau. Seguem-no, quase lado-a-lado, da esquerda para a direita o sueco Eimdaeter (vencedor), outro sueco, Sjostrand e o francês Fuzozon. 4 — Assim foi transportada a 1.ª barreira da corrida de 110 metros (final) dos Jogos Olímpicos de Londres. O saltador W. F. Porter (1.º da direita) venceu em 13,9 seg., seguido de Scott (1.º da esquerda). Os restantes: Tiulzi (Argentina), Gatti (Austrália) e Lidman (Suécia)



A direita: A famosa holandesa F. E. Blankers-Koen, vencedora de três provas nos Jogos Olímpicos, na chegada dos 100 metros barreiras. De volta ao seu país, os seus compatriotas fizeram-lhe uma extraordinária manifestação. À esquerda Estas raparigas gentis alcançaram os três primeiros postos na prova de saltos aquáticos, no Wembley Pool. A da esquerda é Z. A. Olsen (2.ª classificada) a do centro, V. M. Draves, (1.ª) e a da direita chama-se P. Elsener (3.ª) Parabéns aos Estados- Unidos



O mulato Malvtn Whitefield (E. U. A.) mostra-nos o seu sorriso satisfeito e a medalha de ouro do 1.º prémio da corrida de 800 metros, que ganhou em 1 m. 49,2 seg. batendo o recorde olímpico

CRÓNICA OLÍMPICA

(De João Jacinto, nosso enviado especial)

WEST DRAYTON 31 — Logo pelas 9 horas puzémo-nos a caminho de Wembley afim de assistir às eliminatórias do salto em comprimento. E para ver bem de perto esta prova, assim como o salto à vara e o lançamento do martelo tivemos de comprar a bagatela de três bilhetes...

Desiludiu-nos a desastrada exibição de Alvaro Dias. Quando o vimos saltar pela primeira vez ficamos com a impressão de que dificilmente ultrapassaria os 7 metros. Na verdade, assim aconteceu. E antes que fizesse a terceira tentativa, chamámo-lo para lhe dizermos que devia aquecer-se melhor, pois era nitida a sua falta de mobilidade. Tão extraordinária que, se não estivéssemos tão perto, não acreditaríamos que fosse o próprio Alvaro Dias...

Tanto ele como o Moniz Pereira nos disseram que, em virtude da falta de maçagista — um elemento imprescindível na preparação dos atletas — os seus músculos ressentiram-se dos treinos, das inúmeras horas que permaneciam no Estádio, e nos 80 minutos diários que passavam nas camionetas, no trajecto West Drayton-Wembley.

Por tudo isso quando Alvaro Dias correu para fazer a última tentativa já não nos restava esperança alguma que ultrapassasse o mínimo, mas como apenas quatro concorrentes o tinham realizado — três americanos e um australiano — ainda tínhamos a ilusão que, fazendo 7 metros, se classificasse para a final, pois que, como determina o regulamento, quando menos de 12 concorrentes não ultrapassem o mínimo, figurarão na final os 12 melhores classificados.

(Continua na página 6)



1 — Três grandes vencedores dos saltos de natação: Da esquerda para a direita Capilla (México), Sammy Lee e Harlan, americanos. 2 — O americano Dillard, um dos mais famosos atletas do Mundo, num estilo impecável, passa uma barreira. 3 — A hungara Szatmarry, no fim dos 400 metros, desmala e é retirada da piscina por uma companheira de luta. 4 — Os membros da equipa finlandesa do Pentatlo Moderno, tomados de verdadeiro entusiasmo, levantam em triunfo o capitão W. O. G. Grut, da Suécia, que ganhou a referida prova, obtendo 3 primeiros prémios



O "nosso" Alvaro Dias A luta dos 5.000 metros

nem parecia o saltador que conhecemos!

(Continuação da pág. 5)

É certo que todos os saltadores estiveram mal, até alguns que normalmente passam os 7 metros ficaram ainda atrás do nosso representante, mas a «classe» deste, a subida de forma que demonstrara ultimamente, os resultados que tem conseguido contra estrangeiros, fizeram-nos crer que não só seria o melhor representante de Portugal, como ainda, com um pouco de sorte, classificat-se-ia como o melhor saltador europeu.

Devemos dizer, porém, que, em estilo, nem os americanos, nem o australiano Bruce, nem nenhum outro se mostrou melhor que ele, quando, na 3.ª tentativa, teve um vislumbre daquilo que vale. Os seus resultados foram 6,44 — 6,785 — 6,86. Há muitos anos que Dias não fazia um primeiro salto tão fraco.

Perdemos uma ocasião única de figurar com grande brilhantismo numa final olímpica. Talvez que não volte-mos a ter tão bela oportunidade.

Seguem os resultados do salto em comprimento: Steep (U. S. A.), 7,82; Bruce (Austrália), 7,555; Douglas (U. S. A.), 7,54; Wright (U. S. A.), 7,45; Adedoyu (G. B.), 7,27 e Damitio (França), 7,07.

Steep tem excelente corrida e chamada impecável, aliás, como os outros americanos, que, todavia, são menos correctos na queda. Singh, indiano, agradeu-nos um pouco, mas mesmo assim, preferimos qualquer bom saltador português.

Dillard, o grande vencedor dos 100 metros em 10,3 s.

Ewell conseguiu uma partida magistral, conservando-se 1.º até aos 85/90 metros. Depois dos 50 metros verificou-se um formidável arranço de Dillard, que havia de igualar o recorde olímpico. Patton desiludiu,



ANN CURTISS, campeã olímpica de 400 metros

não fez menos de 10,8. Corquada deixou-nos boa impressão. Labeach é irregular. Resultados da final: Dillard, 10,3 s.; 2.º Ewell, 10,4; 3.º Labeach, 10,6; 4.º Corquada, (G. B.), 10,6; 5.º Patton; 6.º Bailey.

A Grã-Bretanha deve apresentar uma boa equipa de 4x100 metros. Contudo, os americanos são os grandes favoritos.

Cochran, campeão dos 400 metros-barreiras e recordista olímpico

Que extraordinária impressão nos causou este campeão e recordista, que termina mais forte do que inicia a prova e que parece estar apto a derubar o recorde mundial de 50,6 de Hardin (U. S. A.) que agora perde o recorde olímpico de 52 segundos!

Também White (Cellão) nos agradeu imenso. É pequeno e rápido (faz-nos lembrar Nâncio) e extremamente combativo. Larsson entrou rápido e fraquejou no final. Resultados: 1.º Cochran (U. S. A.), 51,1; 2.º White (Cellão), 51,8; 3.º Larsson, 52,2; 4.º Ault (U. S. A.), 52,4; 5.º Crar (Fr.); 6.º Missani (It.).

O húngaro Nemeth, vencedor do martelo, ganhou o 1.º título para a sua pátria

Duma maneira geral, ficamos boquiabertos com a extraordinária técnica dos lançadores de martelo, que dão quatro voltas rapidíssimas, e alguns até cinco. O martelo sai com uma velocidade tão extraordinária que, a 50 metros de distância, não se vê sair das mãos do lançador. O engenho é mais pequeno que aqueles que utilizamos, porém, absolutamente regulamentar. Resultados da final: 1.º Nemeth (Hung.), 56,07; 2.º Cubljan (Jam.), 54,27; 3.º Benett (U. S. A.) 53,73; 4.º Felton (U. S. A.), 53,66; 5.º Lamucineu (Fr.), 53,08; 6.º Ericson (Suéc.), 52,98 metros.

A prova dos 50 quilómetros-marcha foi ganha pelo sueco Sejunggren em 4 horas, 41 minutos e 52 segundos.

Apenas diremos que o estilo dos marchadores nos causou hilariedade, e que uma prova destas era impossível disputar-se em Portugal, tal é a figura ridícula dos marchadores.

WEST DRAYTON 2 — Tivemos hoje o primeiro dia londrino. O sol não apareceu, e durante a tarde choveu a bom chover.

Foi pena, porque hoje houve provas interessantíssimas, e ter-se-iam feito grandes «performances», como, por exemplo, nos 5.000 metros, em que o nosso conhecido Reiff venceu excelentemente o extraordinário Zatopek, que, apesar de vencido, voltou a mostrar a sua grande «classe». Reiff correu com invulgar inteligência, pois, aproveitou da melhor maneira um desfalecimento de Zatopek aos 3.500 metros, acelerou, e como este descolasse, continuou em excelente andamento resistindo muito bem ao ataque final, verdadeiramente forte, do checo. Reiff e Zatopek bateram o recorde olímpico de Hockert (Finl.) vencedor em 1936, com o tempo de 14 m. 22,2 s.

Devemos esclarecer que a prova foi feita debaixo de chuva, e a pista estava alagadíssima, e imprópria para se correr.

Que tempo fariam estas «feras» em tempo normal? Estou convencido que se aproximavam do tempo de Hagg, recordista mundial com 13 m. 58 s. 2/10.

A Bélgica, com a vitória deste heróico Reiff, ganhou brilhantemente o primeiro título olímpico em tempo recorde, apesar do estado lamacento da pista.

Embora considerássemos Reiff como um dos favoritos, não supunhamos que Zatopek perdesse. Este, que depois dos 10.000 metros, teve nesta luta cerrada, mas desnecessária para o 1.º lugar da eliminatória com o sueco Ahlden, ressentiu-se hoje imenso do estado da pista, pois é muito leve. Continua porém, a demonstrar uma capacidade extraordinária em contraste com o mau estilo, pesado e contraído, e um movimento de braços simplesmente péssimo.

Resultado final — 1.º Reiff (B.), 14 m. 17,6 s.; 2.º Zatopek (Ch.), 14 m. 17,8 s.; 3.º Clifkuis (Hol.), 14 m. 26,8 s.; 4.º Ahlden (S.), 14 m. 28,6 s.; 5.º Albertson (S.), 14 m. 39 s.; 6.º Stone (U. S. A.), 14 m. 39,4 s.

A segunda desilusão francesa: Hansenne perde os 800 metros

Era esperada com grande ansiedade a prova de 800 metros, pela luta que Hansenne teria de suportar

com Wint e Whitfield. Mas Hansenne, como Alex Jany, desiludiu, dando-nos a impressão de cansado logo de entrada.

Estará hiper-treinado? Ou seria complexo de impossibilidade perante a responsabilidade de favorito? Trata-se do segundo francês a desiludir, o que faz desconfiar dos métodos de treino utilizados pelos franceses.

Whitfield que partiu à corda correu com excelente autoridade e confiança, imprimindo um andamento rapidíssimo o que fez com que Hansenne estivesse pouco à vontade sendo último, a fechar o pelotão, aos 400 metros.

Wint correu muito bem, e impressão a sua grande passada. Classificação:

1.º Whitfield (U. S. A.), 1 m. 49,2 s.; (novo recorde olímpico: o anterior pertencia ao inglês T. Hampson, vencedor em Los Angeles, em 1932, com 1 m. 49,8 s.); 2.º Wint (Jamaica), 1 m. 49,5 s.; 3.º Hansenne (Fr.), 1 m. 49,8 s.; 4.º Borten (U. S. A.), 1 m. 50,1 s.; 5.º Bengtsson (S.), 1 m. 50,5 s.; 6.º Chambers (U. S. A.), 1 m. 52,1 s.

Nuno Morais, 3.º na eliminatória, com 22,6 s., foi eliminado

O nosso representante ainda correu bem até metade da prova, mas depois fraquejou imenso e deu a sensação de falta de resistência. Em condições normais, Nuno Morais deveria dar luta aos dois primeiros, mas parece que apenas ligou alguma importância à prova dos 100 metros.

Todavia, é de acentuar que excelentes «sprinters», embora mostrando o que valem, também foram eliminados...

Gostámos muito da prova do disco ganha por Consolini e Tosi, tendo ambos batido o recorde olímpico. Vimos os lançamentos de perto, e em especial dos italianos que dominaram nitidamente, mesmo em técnica. Consolini, então, é exímio.

Resultados: 1.º Consolini (It), 52,78 (o anterior recorde olímpico pertencia a Carpenter, U. S. A. 50,48 em Berlim); 2.º Tosi (It.), 51,78; 3.º Gordien (U. S. A.), 50,67; 4.º Rametad (N.), 49,31; 5.º Klies (H.), 48,21; 6.º Nyyvist (Finl) 47,34 metros.

muito baixa, e é já tradicional o descalço dos nossos atletas em se esquecerem convenientemente.

Resultados: 1.º Ahman (Suécia) 15,40; 2.º Avery (Austrália) 15,36; 3.º Sørholm (Targale) 15,02; 4.º Larsen (N.) 14,83; 5.º Oliveira (Br.) 14,826; 6.º Rautio (Finl.) 14,70 metros.

Embora não vissemos todos os lançadores, ficamos com ótima impressão dos americanos, cujo estilo final é rapidíssimo. Os três primeiros lugares no peso foram para eles, sendo Thompson o vencedor, com 17,12, o novo recorde olímpico. O melhor europeu ficou a um metro do 3.º.

Resultados: 1.º Thompson (U. S. A.), 17,12; 2.º Delaney (U. S. A.)

O sueco Ahman venceu o triplo salto com 15,40

João Vieira e Alcide eliminados — Geraldo Oliveira, um favorito, desiludiu!

LONDRES, 3 — Os resultados obtidos pelos nossos representantes foram fracos, principalmente os de Alcide, ainda incompletamente restabelecido, e, por conseguinte, sem possibilidades de treinar desde os regionais. Porém, Vieira, apesar de não ter feito o mínimo para ir à final, não desiludia tanto, se dissermos que a prova foi disputada com chapisco, e a pista de ba-

lanço estava ainda encharcada da véspera.

Mesmo assim, Vieira classificou-se em 15.º, e Alcide (13,92), em 22.º, entre 29 concorrentes.

Devemos acrescentar que Vieira, com os seus 14,28, foi o 7.º europeu, e neste salto não atinja a toba de chamada.

Mais uma vez diremos que foi notória a falta dum messageiro, visto que a temperatura estava

O nadador Mário Simas

foi eliminado nos 100 m.-costas

WEST DRAYTON, 4 — Mário Simas, o nosso representante na natação, teve a mesma sorte que os de atletismo. Esperávamos mais dele, não só por já ter alguma experiência de provas internacionais, mas também por ter feito 1,10 em treino, e ainda porque foi daqueles que soube comportar-se de modo a nada se lhe poder objectar, indo ao ponto de nem sequer assistir a provas nas vésperas da sua entrada em acção. Embora 5.º, Simas lutou com alma, mas nunca o vimos nadar com a «souplesse» que nos tinha habituado a vê-lo e que algumas vitórias lhe proporcionou em competições internacionais.

Sem querermos introduzir-nos no campo da técnica, não queremos deixar de afirmar que o corredor português fez uns primeiros 50 metros lentos (mais de 33 s.) e que depois da viragem, aliás, má, desuniu-se completamente mostrando dificuldade na respiração, pois que Simas nunca mecanizou a respiração como habitualmente.

Estamos convencidos que foi prejudicado pela excessiva tensão nervosa que se apoderou dele na véspera, talvez, também por não estar na sua melhor forma, ou ainda por aquilo que é tão habitual nos portugueses nestas provas, e que é o tal complexo de inferioridade.

Achamos que, uma vez que se fez tão grande despesa para a vinda de portugueses aos Jogos Olímpicos, seria preferível gastar-se mais uma centena de contos, mas em compensação rodar-se os concorrentes de um mínimo de comodidades e condições que todos os outros têm.

A falta dum massagista, dum cozinheiro, dos próprios federativos faz-se sentir imenso, e é uma das causas porque alguns se inferiorizam tanto.

Há pouco soubemos que quem tem massajado os esgrimistas tem sido o Nuno Morais, e isto parece-nos não estar certo.



A campeã olímpica de saltos em altura revela um estilo curiosíssimo

Portugal perdeu com o Egipto e com a Suíça

obtendo bons resultados, em esgrima

WEST DRAYTON 5 — Embora os nossos esgrimistas tenham obtido bons resultados, perdendo o primeiro encontro por 5-10 contra a forte equipa egípcia, e o segundo por 6-8 contra os soviéticos depois de estarem a ganhar por 6-3, fomos eliminados da prova por equipas, mas honrosamente, tendo causado boa impressão a quantos assistiram.

Contra o Egipto os portugueses começaram receosos e muito nervosos, mas depois jogaram muito bem. No segundo encontro, com um pouco de sorte de Carlos Dias, que foi o melhor português, teríamos alcançado melhor resultado, senão a vitória final. Também nos faltou fundo.

Para a preparação que tiveram, e o número bastante reduzido de provas que se fazem em Portugal, podemos dizer que a esgrima nacional não esteve mal representada, antes pelo contrário, pois que aqueles que estiveram o ano passado em Lisboa por ocasião dos campeonatos mundiais, gostaram de nos ver e acharam a equipa muito melhor que nesses campeonatos, tendo a impressão que se os portugueses concorrerem a alguns torneios internacionais, dentro de dois anos, voltaremos a reconquistar a brilhante posição que já tivemos.

Carlos Dias, Alvaro Pinto — o inconfundível chefe da equipa — e o Dr. Penha e Costa foram os melhores, mas Lino não esteve mal, e apenas Melo e Castro e Chagas estiveram abaixo do normal.

Telefone 75

Moisés Marques de Oliveira

PROPRIETARIO

DA ORIVESARIA MARQUES

Largo 5 de Outubro — LEIRIA

A atracção das «stafs»!

Um «dancing» na Aldeia Olímpica!

WEST DRAYTON 1 — Anteriormente foi dia de descanso no Empire Stadium. Os atletas aproveitaram o dia, uns para descansar e outros para treinar. Nós descansámos e treinámos.

Aqui, em West Drayton, local onde esteve instalada a R. A. F. durante a guerra, está-se bem, pois há bom ar e a alimentação é muito boa.

Os nossos representantes estão satisfeitos, por estarem bem instalados e por terem conquistado as simpatias dos «stafs», que são as empregadas. Há aqui repatriados ingleses, franceses, irlandeses, polacos e irlandeses, e embora sejam muito simpáticos, este convívio com os portugueses, dado o nosso temperamento, não deve ser benéfico.

Outra coisa que não nos parece normal é a existência, numa «aldeia olímpica», de um «dancing» aberto todos os dias até às 0 horas, ou mais ainda, que costuma estar repleto. Os nossos amigos brasileiros são os grandes animadores, e um português, assim que logo à apertada vigilância de Maniz Pereira, lá se encontra também muito bofo.

Esta manhã fomos até Uxbridge, local onde se encontram os americanos, australianos, franceses e espanhóis, e onde existe a pista de treinos, cujo piso não nos agrada, e cujas caixas de saltos não têm mais de dois metros de largura. Ninguém sabe as dimensões da pista. E ninguém utiliza as cabines, se assim se pode chamar a uns «cubiculos» que são dados aos atletas para eles se equiparem. A respeito de empregados — ninguém lhes pôe a vista em cima.

Vamos agora para Londres a fim de arranjar-mos bilhetes, visto o C. O. P. nada nos ter arranjado, alegando que os organizadores não lhes dão sequer os bilhetes que requisitam. Um dia destes, ainda tivemos a sorte do sr. eng. Guedes nos oferecer uma bancada.

Em notação, devemos salientar a supremacia americana nos saltos, e a queda do recorde olímpico dos 400 metros-livres obtido pelo americano Mc Lane com 4.42. O antigo era per-

tença de J. Medica (U. S. A.) conquistado em Berlim, em 1936.

Alex Jany, que foi 5.º nos 100 metros-livres e não 4.º, parece estar em má forma, e embora apurado para a final não deve ter grandes probabilidades.

Resultados dos saltos: 1.º Harlen (U. S. A.) 165 64; 2.º Anderson (U. S. A.) 157 29; 3.º G. Lee (U. S. A.) 145 22; 4.º J. Capilla (México) 141 70; 5.º Mathighansen (França) 126 55; 6.º Johansson (Suécia) 120 20.

Em waterpolo, os resultados até agora são os seguintes: Bélgica 4 U. S. A. 4, Espanha 5-Solca 1, Holanda 4-Chile 0 Itália 4-Yugoslávia 4 França 7 G.écia 1, Hungria 11-Grã Bretanha 2, Hungria 5-Egipto 2, Itália 4-Yugoslávia 2.

Em basquetebol estão apurados os seguintes resultados:

Grupo A: Brasil 36 U. S. A. 52, Canadá 34 Grã Bretanha 24 Hungria 32 Itália 19. A equipa do Brasil é excelente.

Grupo B: Chile 100-Irã 18, Filipinas 35-Coreia 35.

Grupo C: Argentina 57-Egipto 38.

Grupo D: França 62-Irã 50, México 39-Cuba 31.

Na final dos 400 metros-barreiras, os tempos dos três últimos são bastante íracos. Foi pena que, nas metas finais, tivessem ficado de fora alguns concorrentes com mais possibilidades, como o francês Arlon, por exemplo. Eis estes tempos: 4.º — 52.4 segundos, 5.º — 53.6, 6.º — 54 segundos.

João Vieira e Luís Alcide encontraram-se melhores, mas sem massagista. Todos os esforços do nosso consal para conseguir um massagista resultaram em vão.

João Jacinto

TELEFONE 30

Restaurante-Café
Santiago
LEIRIA

ARCADIA

O DANCING N.º 1
= DA CAPITAL =

Apresenta a extraordinária pareilha de baile

Lolita Torres y Pepe Ballesteros

Los Majos de Espanha

Num grandioso programa de variedades internacionais com:

YOLANDA e DANY ET DINA e SOISIE CAMPBELL

Carmelita de Córdoba, Mary-Mell, Ballet Dix Louise
Girl's e Mabel Valencia

Música constante pelas Orquestras Larrea com a vocalista Josita Tenor e Arcadia



O francês Rogério Chupin enfia a camisola amarela, em Tomar



Os corredores passam em Ferreira do Zezere, sendo o pelotão comandado ora por Orbaiceta ora por Império dos Santos



Um grupo de senhoras da família do major Jorge Oom sauda os corredores, interessando-se pelo decorrer da prova, na passagem em Ferreira do Zezere



DE TOMAR A CASTELO BRANCO

Os corredores passam em Sertão, um pouco despreocupadamente



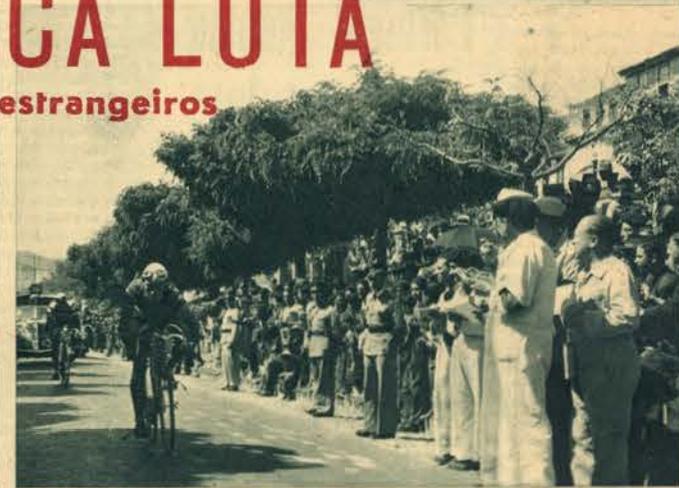
O ciclista Fernando Moreira corta a meta de Castelo Branco, em 1.º lugar

A GIGANTESCA LUTA

entre portugueses e estrangeiros

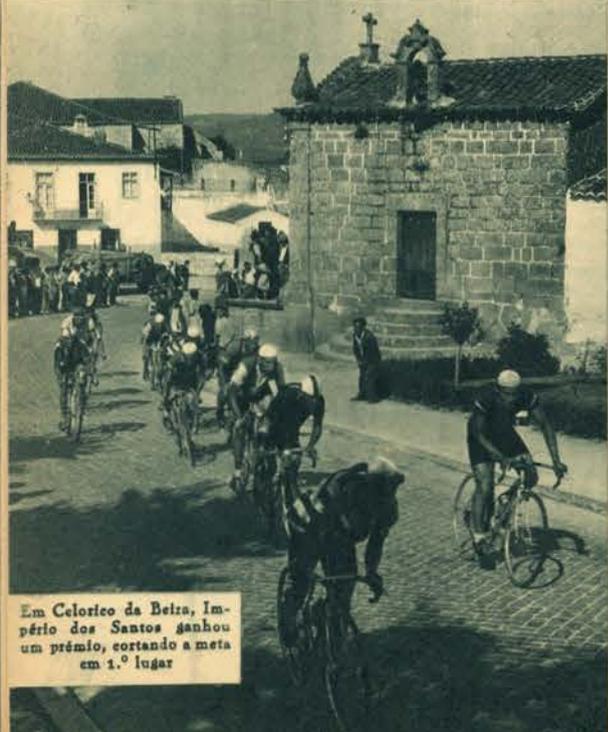


Na descida para o Fundão Guilherme Jacinto descolou, mas a vila é já atravessada em fila indiana



Na guarda, o benfiquense João Rebelo bateu, na ponta final, por pouca diferença, Dias Santos e Inácio Ramos

O SALTO PARA VISEU



Em Celorico da Beira, Império dos Santos ganhou um prémio, cortando a meta em 1.º lugar



Em cima: Império chega, destacado, a Viseu, e é muito aplaudido. Em baixo: No momento de partir da Guarda, cidade entusiástica e acolhedora



Foto: JORGE GARCIA



DE VISEU A BRAGA



1 — Na ponte de Pedrinha, um pouco adiante de Castro Daire, um homem do Benfica segue à cabeça. 2 — A chegada a Braga do pelotão; depois da bela aventura de Francisco Grauss. 3 — O sol aperta. E um corredor protege-se dos raios solares com um chapéu de palha e segue a sua viça... A gente da Régua assiste interessada, à passagem dos corredores



A ETAPA DA POVOA DE VARZIM

A caminho de Espozende, a marcha faz-se um pouco despreocupadamente...



Em cima: Na pista do Estádio, na Póvoa do Varzim, o ciclista José Martins ganha brilhantemente a etapa — batendo-se contra os franceses do Académico. Em baixo: Os corredores desçam vertiginosamente, a caminho de Ponte de Lima. Um dos irmãos Palmeiros, de Tavira, comanda o pelotão

Números e Curiosidades (10)

DA MAIOR PROVA DO FUTEBOL PORTUGUÊS

Vitória de Setúbal

O Vitória de Setúbal é um clube de fundas tradições. Mesmo quando os ventos não lhe correm de feição, a sua equipa é temida e o seu fama não diminui. Quando o Sporting foi a Setúbal, para disputar o 24.º desafio do Campeonato Nacional, o Vitória ocupava então o penúltimo lugar da classificação. Não obstante, muitos valcineavam o triunfo dos setubalenses, apesar dos campeonatos nacionais estarem no auge da sua forma, e no seu apogeu. E o Vitória ganhou. Podendo até vangloriar-se dum coisa, que há muito tempo outras equipas melhor apetrechadas, não conseguem; não permitir que os «leões» marcassem!

Os setubalenses iniciaram o torneio com um mau resultado: uma derrota, no seu campo, infligida pelo «segundo» do Porto. Desforçaram-se mais tarde, batendo, no mesmo local... o campeão do Porto!

Só na 6.ª jornada, conseguiram

os futebolistas sadinos o seu primeiro triunfo. Foi em Coimbra, e por números expressivos: 4-1. Antes, empateram com o Sporting de Braga, e uma bola, em Setúbal. A segunda vitória dos setubalenses foi alcançada sobre o F. C. Porto (sem Azeite...) por 3-2, e depois sobre o Atlético, pela mesma marca. Na undécima jornada, o Vitória de Setúbal averbou a sua derrota mais dura, do Campeonato, no «coler» dos «leões» (8-1). Até ao final da 1.ª volta, a turma de Baptista obteve ainda um excelente empate contra o Estoril Praia, e três bolas.

O Vitória de Setúbal passou à segunda fase da Prova, classificado no 12.º lugar, com 8 pontos. No 2.º domingo da 2.ª volta, mercê do seu triunfo sobre o campeão algarvio, o Vitória de Setúbal pôde alcançar o seu homónimo de Guimarães, mas essa subida só durou duas semanas. Na 17.ª jornada voltou a ficar isolado no duodécimo posto da classificação, e com a ameaça de vir a ser suplente pelo penúltimo, o Sporting braceirense. Dois domingos volvidos, os campeões da A. F. de Setúbal averbaram nova vitória: contra o Académico, e pelo mesmo «score» de 1.ª volta. Empataram, a seguir, com o Vitória vimeirense e, depois de perderem no Porto, contra o campeão local, venceram o Lusitano do Algarve. Até ao fim do torneio, a turma sadina obteve ainda duas excelentes vitórias, que a guindaram ao décimo posto da classificação definitiva — contra os campeões de Portugal e do Alentejo.

Assim, a equipa que começou mal, acabou em glória. Outros houveram que começaram bem... para acabarem mal!

Números e curiosidades

Baptista, o guarda-redes, é porventura o mais categorizado elemento do «conze» setubalense. No torneio regional da A. F. de Setúbal, o guarda-suplente de Bordêus cometeu a proeza de não sofrer sequer um gol. No ataque, os jogadores experimentados, como Rendes e Cardoso Pereira, sobressaíram, sem desprimor para os novos que, como por exemplo o habilidoso extremo esquerdo André, são elementos prometedores. Cardoso Pereira, no eixo do ataque, revelou-se um grande marcador, classificando-se entre os dez melhores do Campeonato, sendo o 6.º entre os avançados-centros, e o segundo de Província, depois de Pelalino. Marcou 15 golos — tantos como o «internacional» do Sporting, José Travassos...

Armendo, outro bom avançado, obteve 7 golos; André 4; Campos e Rendes 3; Passos 2 (no único desafio que jogou, na derradeira jornada!). Joaquim, Tavares e Rosário (e Branquinho, do Lusitano de Vila Real), marcaram um gol cada um o Vitória de Setúbal.

Nenhum dos vinte e cinco jogadores que o Vitória utilizou participou em todos os jogos, mas três



BAPTISTA, o excelente guarda-redes de Setúbal

tiveram uma única folha; Baptista, o defesa e meio Primo, e o avançado Cardoso Pereira. Campos jogou 24. Rendes 22 partidas; Pina 20; André 19; Figueiredo, Almeida e Armando 17; Jacinto 15; Balção 12; Armando 11; Montês 10; Joaquim 8; Rosário 5; Tavares 4; Costa e Viegas 2; Ramos, Paredes, Borrego, Rogério e Passos, 1.

O Vitória de Setúbal fez 19 pontos (o 10.º lugar, sem sociedade), com 38 golos a favor e 64 contra. O saldo negativo é considerável, lembremo-nos que na época anterior, embora tivesse ficado no ante-penúltimo lugar, pelo

de Guimarães e o Elvas). No capitulo de golos sofridos, ocupam o 9.º lugar, à frente das equipas citadas, excepto o Elvas, por «troca» com o Olhanense. Como é de tradição, mau grado a forma irregular do «conze», os setubalenses foram adversários difíceis no campo dos Arcos. Sómente o Belenenses, o Benfica e o F. C. Porto, tiveram a melhor, no desfrute de golos-contras. Os próprios campeões nacionais sofreram um gol mais do que o voluntarioso «team» sadino...

Recordemos as classificações e números obtidos pelo Vitória de

Temperamento ebulliente

DEPOIS de haverem lutado de igual para igual com os seus rivais franceses na prova por equipas, os floristas italianos sofreram pesado desaire no torneio individual.

Ao passo que os três franceses se classificaram na final em 1.º, 2.º e 5.º lugares, apenas um italiano ascendia até à última selecção para ocupar na tabela o posto mais inferior.

Na sua transmissão radiofónica da noite, o crítico da emissão francesa, comentando o caso, afirmou que os dois melhores representantes italianos, os irmãos Neri, tinham sido eliminados em prejuizo da sua classe, por culpa do seu exagerado nervosismo.

E lembrava que já em Lisboa, nos campeonatos mundiais de 1947, os atiradores italianos se haviam feito notar pelo seu temperamento... ebulliente.

Sempre em discordância com as decisões dos juizes, os manos Neri, disse ainda o citado locutor, tomaram atitudes que são impróprias numa competição de tão elevada categoria.

Parece, aliás, que os torneios olímpicos têm dado lugar a numerosas reclamações e protestos, mais ou menos justificados mas sempre inevitáveis em campeonatos deste género.

As esperanças, à chegada, são lantias; e as desiluzões correspondentes, tão amargas!



O «team» de honra do Vitória de Setúbal

goal-average, os setubalenses marcaram 45 golos e só sofreram 50 — cifra esta que lhes conferiu a 5.ª classificação dos «defesas»...

O Vitória de Setúbal alcançou, no seu campo, 7 vitórias, 3 empates e 3 derrotas, 23 golos contra 19. Fora de «casa», uma vitória... e 12 derrotas, 15 45 em bolas.

O ataque setubalense mostrou-se pouco realizador. Só a Académica e o Lusitano marcaram menos golos. Fora de «casa», foram relativamente mais felizes, pois houve cinco equipas que fizeram pior (aquelas, o Boavista, o Vitória

Setúbal nos últimos quatro anos: 1947-48 — 10.º classificado; 8 vitórias, 3 empates e 15 derrotas; 38-64 em bolas.

1946-47 — 9.º, 12.º ex-aequo em pontos; 8 vitórias, 4 empates e 14 derrotas; 45-50 em b-las.

1945-46 — 7.º classificado (8.º o Vitória de Guimarães, com o mesmo número de pontos), com 8 vitórias, 2 empates e 12 derrotas; 40-52 em bolas.

1944-45 — 5.º classificado, com 9 vitórias, 1 empate e 8 derrotas. 44-49 em bolas.

Vasco C. Santos

VOITAMOS a assistir ao decorrer de mais um campeonato de futebol na capital do Brasil que se prolongará até Dezembro e durante o qual muitas e variadas surpresas, estomas crenças, nos serão reservadas.

Onze equipas fazem parte da divisão principal que poderemos considerar como única, visto ser aquela que mais apela a «torcida» e que no nosso breve comentário, dividiremos em três categorias absolutamente distintas: — grandes, aspirantes e grandes e pequenos.

Na primeira incluímos o Vasco da Gama, Fluminense, Flamengo e Botafogo. Na segunda o América, e na última os restantes, constituídos pelo São Cristóvão, Bangu, Madureira, Olaria, Bonsucesso e Canto do Rio.

De entre eles sairá o campeão de 48 que pela lógica deverá ficar na posse de um dos quatro grandes, com maiores possibilidades para o Vasco, visto ser este o único que, aliado aos esplendidos titulares, mantém presentemente um cartel de aspirantes que lhe permite olhar as substituições sem preocupação de maior — o que foi comprovado durante a disputa do «Torneio Municipal».

Já por ser o Vasco o detentor do título de 47, já por todos os motivos apontados e que bastante pesam na balança, inclinamo-nos para a hipótese e damos mesmo o palpite de que será ele o vencedor deste campeonato, sagrando-se bicampeão carioca.

Depois e como equipa credenciada pelos últimos jogos disputados e detentor do título de Cam-

CARTA DO BRASIL

PANORAMA DESPORTIVO

do Campeonato carioca de futebol de 1948

(Especial para «Stadium» — por CANDEIAS ALVAREZ)

peão Municipal, vem o Fluminense com os seus jovens «cracks», que sob a orientação de Ondino Vieira muito têm progredido e que em nosso entender serão o sombrero negro dos cruzmellinos.

Flamengo e Botafogo, figurarão esta época como comparsas, pois que as equipas de que dispõem não lhes permite largos vôos.

O primeiro debatendo-se com uma grave crise interna que se reflecte na forma dos seus titulares, ainda não conseguiu encontrar a solução que traga a paz e o sossego ao seu seio; e o segundo, devido às restrições impostas pela sua directoria no tocante a aquisição de novos elementos, servindo-se quasi que exclusivamente da prata da casa, irá agora mais que nunca sentir a falta de Heleno de Freitas, hoje no Boca Júnior de Buenos Aires, que apesar do seu génio irascível ainda continúa a ser no Brasil o melhor avançado centro e o grande orientador e criador das vilórias botafoguenses. Naturalmente que para não fugir à regra existe a tendência e o tempo suficiente para um melhor

ajuste de suas linhas. Pode ser que se verifique uma subida de forma justificável pelo nome que ambas estas equipas ostentem no futebol carioca e brasileiro; mas, mesmo assim, não cremos verdadeiramente na eficiência das suas linhas avançadas, muito especialmente na do «glorioso».

Temos depois o América cujos problemas da época passada continuam a afligir o seu técnico — o argentino De la Torre — e com a agravante de nas suas reservas não possuírem elementos capazes de efectuar uma substituição eficaz de qualquer dos titulares; finalmente, temos o grupo dos chamados *pequenos* que nos prometem um ar da sua graça, fazendo a vida cara aos *grandes*.

Dentre eles devemos destacar o Bangu. Com as aquisições feitas de diversos bons elementos, oriundos de Minas Gerais, e muito especialmente com o regresso do veterano defensor Domingos da Guia, parece ser o mais forte, o que em parte já foi provado pelas derrotas impostas no seu campo ao Flamengo e Fluminense e pelo empe-

posto ao Botafogo. Dos restantes com as remodelações feitas e com a vontade ferrea de fazerem boa figura, asseguramos que apesar de classificações secundárias que obtenham não devem virer a cara aos mais fortes.

Como novidade passaremos a ter árbitros ingleses dirigindo as partidas, o que de ante-mão assegura ás mesmas um grau de disciplina talvez nunca verificado.

PENSAO MOREIRA

Instalada no antigo PALÁCIO LUZ, situado no local mais central de Paço d'Arcos

Boa casa de banho com todas as comodidades modernas

Esplêndido parque de repouso

Preços especiais para fins de semana

Rua Costa Pinto, 148

Telefone-Paço d'Arcos 117

Assinem a Revista
Stadium

GRANDE HOTEL LIZ LEIRIA

Instalado no ponto mais central da cidade

Serviços combinados de camionetas com os Caminhos de Ferro

Serviço pela União Automóvel Leiriense, L.^{da}, que dispõe de automóveis e camionetas para excursões

Este hotel tem intérpretes e está aberto todo o ano

Proprietários

Cruz, Fernandes, L.^{da}

V.^a de Agostinho Diogo de Oliveira

BICICLETAS E ACESSÓRIOS

Escritórios e armazens

Vendas a retalho e oficina de reparações

Rua do Pelourinho, 4

2-Rua Barão de Viamonte-4

— L E I R I A —



Oficinas de Calçado Desportivo do Beato

DANIEL TEIXEIRA

Calçado em Todos os Géneros Artigos Para Sport

Especialidade em botins tipo alentejano E NOCIDADE PORTUGUESA

Fabricantes de bolas para os Campeões de Lisboa e das Selecções, fornecidas pela CASA PEIROTEO

TELEFONE 38 - 298

5, Calçada Duque de Lafões, 5

LISBOA

CARICATURAS DA "STADIUM"



Micael sobressaiu, na época finds, apesar da Associação Académica ocupar o último posto, como um valor positivo do jogo.

Já veterano, umas vezes a experiência e outras o excelente domínio de bola, colocaram-no em plano de evidência. Fez jogos de raça. Aqui o vemos, na arte de Adriano, todo inteirinho, com o seu ar de graça e um pouco de desdem, aguardando serenamente o futuro, ele, que de aqui a pouco, terminará brilhantemente o seu curso.

tem estado tão valente, sobretudo matando, que parece querer ocupar, senão o posto de Manolete, o de Arruza. E há ainda um António Caro, que não vimos, e outros vários que pretendem ser toureiros caros; mas, caros amigos, nesta altura as esperanças estão postas em Manolo Gonzalez.

Com dois anos de boa aprendizagem, Manolo Gonzalez, que conta apenas 17, é hoje o toureiro predilecto de Sevilha e de Madrid e o mais disputado por todas as praças. É, mais directamente, o continuador de Pepe Luis, mas com características próprias, mais alegria e original personalidade em várias sortes, como a da «Chicuelina», que dá em rápidas e impressionantes chicotadas, e na do ajudado por baixo e recolhendo, também com graça particular, muito sua, e muito sua nesta mês de Agosto, a tourear sem descanso.

Na fila dos novilheiros, além do cordovês Martorel, e quase perdidas as ilusões em Frasquito, temos boas referências de Calzito, e boas experiências ofereceu na Espanha e no México o nosso Manuel dos Santos que, no próximo domingo, vai receber alternativa na Maestranza de Sevilha, alternando com Manolo Gonzalez. Do encontro dos dois Manolos vai resultar talvez a resposta às dúvidas ou perguntas que formulamos nesta crónica. Repetimos que se não pensa em substituir o insubstituível, mas apenas de saber quem vai interessar, em lugar destacado, o público, sempre desejoso de novidades. E tão desejoso que, novidade que apareça, logo a converte em esperança, alentando-a até onde pode. Por hoje, a esperança, mais que esperança, reside em Manolo Gonzalez, mas, a partir do dia 15 deste mês, pode acentuar-se outra, que é a grande esperança dos portugueses, outro Manolo, Manuel dos Santos.

Será? Não será? O tempo o dirá.

ROGÉRIO PÉREZ



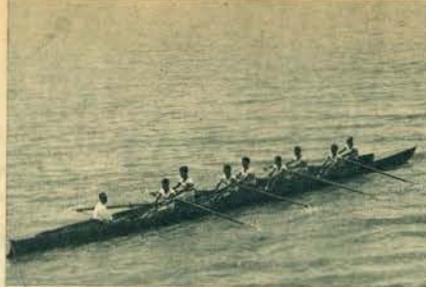
ivinha-se o remate deste «derechazo», com aquela maneira caracteristicamente Pepelesista, retirando a «muleta» da cara, momento preciso, para logo tocar com a «caudilla» do touro, fazendo-o dobrar para o passe seguinte



Um novo Ki-Ki-ri-Ki, que não é de Gallito, que dominava em altura, e que mais se parece ao de Pepe Luis, mas com seu próprio, o de Manolo Gonzalez, ajudando e manebrando de maneira inédita, surpreendente



A típica chicuelina de Manolo Gonzalez, vendo chegar, tirando rápida, num movimento árcico, e imprimindo à capa uma sacudida chicotada, original e adestre, com todas as qualidade sevilhanas, com «salero», com «angeles



Ao longo da muralha da Junqueira disputou-se a prova de remo para a taça «Câmara Municipal de Lisboa. Apenas compareceram os «Yolles» de 8 do Desportivo da C. P. e do Desportivo da C. U. F. os quais triunfaram, respectivamente, nas categorias de principiantes e seniores. A taça foi atribuída à C. P. pela vantagem conseguida na pontuação de ambas as provas

2.º ANIVERSÁRIO DO ORIENTAL

O Clube Oriental de Lisboa, sob a presidência do sr. dr. Arrobas da Silva, encontra-se num momento admirável de realização. Na sessão comemorativa do seu 2.º aniversário tomaram parte altas figuras do desporto, estando a Direcção Geral representada pelo sr. cap. António Cardoso



Quem ocupará o posto de Manolete?

MORTO Manolete trata-se de descobrir quem possa ocupar o seu posto destacado, ainda que duvidemos que tão depressa apareça alguém que o substitua. Toureiros como Manolete surgem de trinta em trinta anos, — como de Lagartijo a Guerrita, depois a Gallito — Belmonte e destes ao inesquecível cordovês que morreu em Agosto do ano passado. Com Manolete apareceu um toureiro tipicamente sevilhano, do remo de Gallo e de Chicuelo, Pepe Luis, como os dois primeiros artistas, sempre que pode fazer arte, artista inteligente, artista. Outro sevilhano da mesma corda se lhe seguiu. Pepin Martín Vasques, ardoroso até à corrida madrileña de Beneficência em que cortou mais orelhas que Manolete, mas sofrendo este ano os efeitos duma série de colhidas, uma das quais com rotura da femural. E da linha sevilhana de Pepe Luis e de Pepin safu agora Manolo Gonzalez, que está subindo como a espuma do bom champagne, e para Agosto tem contractadas, a bom preço, cerca de sessenta corridas, um recorde quase incompatível com as viagens de deslocação.

Entre os madrilenos também o posto de Manolete tem pretendentes, a começar por Luis Miguel que lho tentou disputar em vida e que de facto é hoje quem manda no toureio, quem põe e dispõe cartazes. Mas, não convence em absoluto os públicos que, por suas atitudes, o hostiliza. Lúddor fácil, vence algumas vezes, mas repetimos, não conhece. Pasrita é o que mais se parece a Manolete, mas em rústico, e também o que, como o valente cordovês, mais percentagem dá de êxito. Segue-se Paquito Muñoz que há um ano subiu rápido, como neste Manolo Gonzalez. Uma colhida, de que reapareceu em Portugal, deu a impressão que tinha perdido o «sítio», mas recentes corridas acusam melhora. O argentino Rovira

tem estado tão valente, sobretudo matando, que parece querer ocupar, senão o posto de Manolete, o de Arruza. E há ainda um António Caro, que não vimos, e outros vários que pretendem ser toureiros caros; mas, caros amigos, nesta altura as esperanças estão postas em Manolo Gonzalez.

Com dois anos de boa aprendizagem, Manolo Gonzalez, que conta apenas 17, é hoje o toureiro predilecto de Sevilha e de Madrid e o mais disputado por todas as praças. É, mais directamente, o continuador de Pepe Luis, mas com características próprias, mais alegria e original personalidade em várias sortes, como a da «Chicuelina», que dá em rápidas e impressionantes chicotadas, e na do ajudado por baixo e recolhendo, também com graça particular, muito sua, e muito sua nesta mês de Agosto, a tourear sem descanso.

Será? Não será? O tempo o dirá.

ROGÉRIO PÉREZ



Em Famalicão, os corredores passaram em grupo. O prêmio foi ganho pelo espanhol Emilio Rodríguez



O pelotão da vanguarda caminho de Guimarães

OS CORREDORES CHEGAM AO PORTO



Fernando Moreira corta a meta de Felgueiras, em 1.º lugar. Aproxima-se do Porto...



Em Penafiel, os oito fugitivos passam com um avanço considerável!



Ao pé de Penafiel, o pelotão da frente guiado por Emilio Rodríguez aumenta o ritmo da pedalada!

Foto: HERMAN



O espanhol Emilio Rodríguez, do Sargelhos, o novo camisola-amarela



No estádio do Lima, o francês Rogerio Chupin ganha a etapa do Porto, com inegável brilho, após um esforço de gigante, vendo-se ao seu lado José Martins e Moreira. Dois atletas formidáveis!



**PNEUS
E
CÂMARAS DE**

MABOR

Produção da
**MANUFACTURA NACIONAL
DE BORRACHA**



BOXE

Cerdan contra Zale

Os franceses anunciaram a conclusão definitiva do desfecho de boxe Cerdan-Tony Zale, para disputa do campeonato do Mundo da categoria «médios», em poder do último nomeado.

Lew Burston, representante da empresa norte-americana que rivaliza com o Clube Desportivo do Vigéssimo Século, esboçou que o combate terá lugar no dia 23 de Setembro próximo, no campo de Ebbels Field, em Nova York.

Ao mesmo tempo, Sol Strauss, dirigente do Clube aéreo referido, anuncia que na véspera se efectuam, no Estádio dos Yankees, dois combates eliminatórios para a disputa do título de pesos, que Joe Louis abandonará no mês que vem.

Teis combates serão, o de Ezzard Charles contra Joe Walcott e Lee Savold contra Joe Beksl. Os vencedores hão-de bater-se em Dezembro, ou mais tarde, para a posse do campeonato absoluto de boxe.

Em que se fica? Duas sessões hão de dispendiosas a 24 horas de intervalo, mesmo em Nova York, é caso para pensar.

Luís Romero, duplo campeão espanhol de levísimos e de semi-leves, foi reconhecido como candidato n.º 1 ao título europeu da primeira categoria, cujo detentor é o científico italiano Onildo Ferrelin. A data do encontro ainda não se determinou, nem o local, mas o preço concedido é de sessenta dias.

No Estádio Olímpico de Berlim, o veterano Max Schmelling — querêdo e decrépito — joga contra Jean Krellz, mocidade ambiciosa. A data do match é o dia 22 de Agosto. O resultado não tem grande importância...

TENIS

Fred Perry domina Yvon Pétra

Realizaram-se em Scarborough (Inglaterra) os campeonatos profissionais da Grã-Bretanha. Entre os jogadores inscritos figuravam o veterano Fred Perry, hoje cidadão americano, e o francês Yvon Pétra, possado ao profissionalismo recentemente.

Ambos atingiram a final e Perry triunfou em 4 partidas, por 3/6, 6/4, 6/2, 6/1.

O Torneio de Deauville

O campeão belga, Washer, sucede a Pierre Pellizzis e a Yvon Pétra — vencedores em 1947 e 1948 — na lista dos triunfadores do Campeonato de Deauville.

Este ano o embate tornou-se fáctil, pela eliminação prematura de Jean Borotra, Destremeu e Rény. O adversário final foi outro belga, Geehand, que sucumbiu por 6/3 e 6/4.

A VIDA DESPORTIVA POR ESSE MUNDO

NOTA DA SEMANA

TODO o observador cuidadoso que se detenha a analisar os acontecimentos banais da vida quotidiana pode colher referências e pormenores, cuja importância exceda o trivial. Grandes cataclismos políticos registados na História tiveram como berço causas aparentemente ridículas: a mordedura de um mosquito anofeles infectou o imperador Alexandre Magno, provocou-lhe a morte e antecipa graves acontecimentos, que viraram a face ao Mundo; a dispepsia torturante de Napoleão levou ao desfecho da batalha de Waterloo. Como estes, os exemplos abundam.

Pequenos males, grandes efeitos, diz o vulgo na sua linguagem tecida de bom-senso. Nós acrescentamos: o segredo de muitas calamidades, como o dos grandes triunfos, encontra-se melhor nos bastidores que no palco da existência.

Aplicando o teorema aos Jogos Olímpicos de Londres e, a talhe de foice, ao fracasso rotundo da nossa representação esgrimística, iríamos descobrir a crueza das verdades ineludíveis. Se fizermos a análise das coincidências, das contradições, dos ridículos, do sublime, do cómico e do trágico, etc., formaremos uma tela curiosa, tecida como os mosaicos, com factos a reflectir, sem miragens de entusiasmo, a vida nas suas dimensões verdadeiras.

Seja-nos permitido, prezado leitor, proceder assim.

O cómico podemos buscá-lo aos apelidos de dois concorrentes de nacionalidade francesa, os corredores de meio-fundo Chef d'Hotel e Moyordome.

Francamente, será difícil reunir na mesma competição dois atletas crismados, com profissões paralelas e equivalentes. O seleccionador está de parabéns!

As coincidências também nos conduzem a outras conclusões. Veja-se o predomínio dos casados sobre os solteiros e dos pais de família sobre os celibatários.

A Sr.ª Blankers-Koen, holandesa, vencedora das corridas de 80 metros (barreiras), a Sr.ª Dorothy Tyler, concorrente inglesa aos saltos em altura, a americana Conchetta Lenz, praticante de ginástica atlética, e mais que não interessa nomear, têm, cada qual, dois filhos. A explicação mais adequada — para satisfazer o espanto do leitor e a vocação das damas — julgamos que se encontra no sacrifício dos maridos.

Enquanto elas treinam, os esposos olham pelos rebentos, mudam-lhes as fraldas, lavam-nos, vestem-nos e... aluram-lhes as birras.

O ridículo achamo-lo no hábito inveterado de Miss Maureen Gardner, finalista dos 80 metros (barreiras): antes de iniciar qualquer prova lava os dentes com grande cuidado!

O expoente da petulância imbecil corporizou-se no preto Ewell, segundo classificado nas corridas de 100 e 200 metros. Traz o rei na barriga e mira os outros cidadãos como inferiores, fenómeno típico das raças de mentalidade atrozada.

A tragédia tem lião a sua partitura, como tudo o mais. Durante a corrida de 800 metros, o dinamarquês H. Christensen fracturou a perna direita, um saltador aquático, ficou perigosamente contuso, a dinamarquesa Greta Anderson desmaiou após a chegada à meta, na corrida de 400 metros (estilo-livre) e outras duas concorrentes sucumbiram aos esforços violentos nos 200 metros planos.

As derrotas inesperadas, como a de Alex Jany, nos 100 metros náuticos (estilo-livre) fez correr muitas lágrimas... patrióticas. Sua irmã, Ginelle, teve uma crise nervosa e todos os nadadores franceses a rodearam, chorando.

Nós costumamos guardar as lágrimas para os desgostos sérios, profundamente humanos. Ganhar ou perder as competições desportivas — lá disse o Barão Pedro de Coubertin — vale pouco, se o compararmos com o prazer da luta e da presença na arena.

Razão linha o escritor Charles Maurras, quando augurou um futuro desprovido de pacifismo aos Jogos Olímpicos. Eles exacerbam a rivalidade entre as nações em vez de estimularem o entendimento dos povos e das raças, sem contar com o ridículo, a comédia e a farça dos pequenos episódios.

R. B.

ESGRIMA

Os triunfos da França

A representação portuguesa ao certame olímpico, no que se refere à esgrima, pode considerar-se um caso bem triste. E dizemo-lo assim, com a crueza das verdades ineludíveis, porque seria ridículo esconder aquilo que os factos atestam.

Onde estão os valorosos aliradores de antanho? Que é fello dos Pelvas, Sassetis, Mascarenhas de Menezes, Eça Leal, Silveira, Peredes e a restante pleiade, cujo comportamento foi o orgulho dos portugueses, desde os Jogos Inter-Alliados de Anvers até à Olimpíada de Berlim, em 1936?

Sumiu-se como o fumo, a tradição! Agora, até o Egito prova superioridade sobre nós, derrotando a equipa nacional, por 10 vitórias e 5, e a Suíça secunda os íncoles do solo dos faraós, impedindo os portugueses de participarem no torneio finalista.

Pobre esgrima luziliana!

Em contrapartida, os franceses mostram-se magníficos em florete e na espada. Homogênea e brilhante, graças a Cristiano de Oriola e a Buhon, principais artífices do resultado no torneio de primeira das duas armas, triunfou da formação italiana, onde Eduardo Mangiarotti, Di Rosa e os dois Nostini — Julian e Ranzo — foram seus pares em valor.

O jovem d'Oriola perdeu com R. Nostini e E. Mangiarotti, arriscando-se demais, mas a derrota dos esgrimistas italianos, por equipas, deve-se a um excesso de nervosismo e mau humor de Ranzo Nostini. De facto, ambos os grupos estavam em igualdade — 8 vitórias — e só dois toques concederam o triunfo aos franceses.

Nostini, protestando contra as decisões do júri durante o assalto contra Rommel, acabou por se não defender e perdeu por 5-0.

Indivualmente o grande vencedor foi Jean Buhon com 7 vitórias, seguido de d'Oriola (5), L. Meszley (4), húngaro; de Lloyd (4) inglês; Bougnol (3), etc.

Belo triunfo, dos florestistas gaulises!

Pensão Internacional

A maior, mais bem situada e a mais próxima das Termas

Bons quartos e esmerado serviço de mesa com pessoal habilitado

Farmácia no mesmo edificio

Telefons 10 — MONTE REAL

Stadium

O Técnico mantém o título nacional

A Figueira da Foz, escolhida para cenário do campeonato nacional de voleibol, deu à prova toda a animação desejável e correspondeu, tanto pelo interesse da sua numerosa população veneniente como pela colaboração dos organismos locais, aos requisitos de tão importante prova.

Os jogos da primeira jornada disputaram-se no ambiente magnífico do Tenis Clube e pensou-se que a chuva viesse no sábado transtornar todos os projectos, obrigando a transferir os restantes encontros para o Casino, cuja sala, com quatro colunas centrais que ficavam a menos de meio metro das linhas laterais do rectângulo de jogo, não assegurava as melhores condições, nem sequer as condições regulamentares.

Deve acrescentar-se, porém, em favor da verdade, que felizmente se não registou o menor acidente nem o facto interferiu de qualquer modo na marcha normal das jogadas.

Os quatro clubes concorrentes empenharam-se com o maior ardor na competição e brideram os numerosos espectadores com exhibições emotivas e de mérito, com destaque para a luta entre os dois esportados de Lisboa, que foi das melhores e que temos assistido na modalidade.

Eis os resultados dos seis encontros, por ordem de realizações: Técnico-Leixões, 15-9, 15-12, 15-3; Sporting-Espinho, 16-14, 15-3, 15-10; Leixões-Espinho, 15-8, 5-15, 15-3, 12-15, 15-9; Técnico-Sporting, 15-7, 11-15, 13-15, 15-2, 15-7; Técnico-Espinho, 15-5, 15-8, 15-9; Sporting-Leixões, 12-15, 15-13, 15-10, 10-15, 15-7.

O Técnico alcançou vitória con-

vincente; e superioridade do seu conjunto, a possibilidade de encontrar substitutos sem apreciável perda de valor no rendimento geral, asseguram-lhe o uso de uma tática eficiente que nenhum dos adversários pode empregar; daqui resulta para estes um acréscimo de fadiga que se faz sentir de maneira decisiva nas últimas partidas dos encontros renhidos.

A equipa-base do I. S. T., formada por F. Frade, Fróis, Cohen, N. Barros, Alvaro Mendes e Fonseca, contou com a colaboração de E. Martins, A. Mendes e Pinto Leite e — factor capital — com a orientação habilíssima do eng. Cavaco.

Assim, na fase decisiva do jogo contra o Sporting, viu-se a saída do rematador Barros quando passava para a segunda linha, para dar lugar a André Mendes — bom defensor —, e voltar ao fim de três rotações, quando chegava a vez de avançar à formação da rede.

Os jogadores mais em realce foram Fróis, Frade e o levantador Alvaro Mendes, autor indirecto da maioria dos remates decisivos de Fernando Frade.

O grupo sportinguista (Fozes Vital, E. Campos, Melo e Silva, Marques Pinto, Câmara Pereira e Vendre II), com os reservas F. Coleço, Santos Silva e M. Guerra, teve excelente comportamento frente ao Técnico, mas sofreu na fase decisiva (na terceira partida, quando contava 14-5 e se deixou aproximar até 14-12) da má inspiração de Marques Pinto e da incerteza dos restantes levantadores.

Fozes Vital foi o elemento mais regular e eficiente; no encontro com o Leixões, em que a equipa acusou a fadiga da véspera, foi

mesmo o directo factor da vitória; na quinta partida colocou doze remates a marcar ponto ou ganhar serviço.

Merecem citação, depois, Câmara Pereira, Melo e Silva e Eduardo Campos. Os restantes apenas cheios de boa-vontade.

O Leixões foi o melhor dos representantes norlenhos e superou-se no encontro com o Sporting; Magalhães foi o seu melhor elemento, acompanhado por Costa Pereira.

O Espinho, vencedor de eliminação portuguesa, veio a classificar-se em último lugar, batendo-se sempre animosamente, mas deixando a impressão de ser o sexto mais frágil e menos eficiente.

Agriram durante o torneio quatro árbitros, dois de cada Associação; e a primeira vez de direito ao dr. Neves pela sua acção no encontro Técnico-Sporting.

Registe-se com agrado o rigor crescente empregado na punição aos remates dirigidos ou opaciados; viu-se no bom caminho. Só Fernando Lemos foi, nesse capítulo, excessivamente benevolente.

«Excelsa»

Pastelaria — Café
Restaurante

Angelo Ortega Rodriguez
MONTE REAL

Avenida Pensão

RESTAURANTE

Otimas instalações — Cozinha à portuguesa

Proprietário: João Rodrigues

Rua Dr. Correia Mateus — LEIRIA

Telefone 16 Portugal

Comentários da Volta

(Continuação da página 2)

Todavia, um português se classificou bem: Fernando Moreira. José Martins obteve melhor tempo, impondo-se como especialista, mas o «usult» do portuense veio a saber-lhe bem.

Na Povoá, dada a classificação de Emilio Rodriguez e de Felix Bermudez, Moreira deu outro pulo. Mas além de tudo, mencionem-se as duas boas provas do popular José Martins — o melhor português nos Arcos e o «melhor de todos» na Povoá.

E daqui se vai seguir para o Porto, uma etapa difícil e a um domingo...

A dificuldade foi sentida por todos os corredores, que, ao passarem por Famalicão, Guimarães, Penafiel, Paredes e Valongo, foram vitoriosíssimos, especialmente Fernando Moreira.

Os já conhecidos homens da frente, a partir de Famalicão, distanciaram-se muitíssimo. Moreira, Emilio Rodriguez, Chupin, Atilio, José Martins, Rebelo e Dias Santos, deixaram para traz elementos da categoria de Felix Bermudez, Berrendero, De-

lio e Império dos Santos, entrando no Estádio do Lima agrupados.

Em «sprints» vigoroso de Chupin, tendo na sua roda Atilio e Moreira, e mais João Rebelo, José Martins e Dias Santos, teve o condão de galvanizar o público. Os restantes foram entrando em grupos e com algum atrazo.

Fernando Moreira sobe e José Martins recupera!

Há uns fins de etapa melhores que outros! O público aguarda, por vezes, durante muito tempo os corredores e depois não se emociona. Chega um, isolado, e logo outro, e outro, não havendo despiques. Ora, é a luta directa que desperta o interesse.

Em Braga, por exemplo, a magnífica fuga de Grouse — um momento para a história do ciclismo! — não deu emoção à chegada, embora a lenha dado em plena estrada. Tudo se passou tranquilamente. Mas na Povoá do Varzim — houve espectá-

culo e grandesa. José Martins bateu-se excelentemente contra os franceses do Académico, e a assistência vibrou intensamente.

Entre a Povoá do Varzim e o Porto, também a luta ofereceu aspectos empolgantes. Os homens da frente vigiaram-se com atenção. Deste embate resultou uma vítima (Berrendero) e a camisola amarela conheceu outro corpo, passando para o espanhol Emilio Rodriguez. Rogério Chupin cortou o fio da chegada, mas Fernando Moreira subiu do 3.º para o 2.º lugar — olhando ainda mais confiadamente para a frente.

O Porto, com o entusiasmo da sua gente, fica-nos para trás. A corrida para a Figueira da Foz, no inesperado da alteração do percurso — e uma modificação puxa outras! — sintetisa-se no seguinte: espectáculo por parte dos que seguem à cabeça e têm aspirações; despreitar de oportunidades; defesa do homem da camisola amarela. Isso explica a maravilhosa fuga de Império dos Santos — um que não se resigna a perder... Acabamos mesmo agora de dar um salto de 47 quilómetros para Leiria. Se Fernando Moreira e João Rebelo estão alertas, os outros não dormem...

R. T.

Drama desportivo

Coube ao glorioso veterano do desporto britânico, o comandante Donald Finlay, a honra de prestar, na cerimónia inaugural o juramento olímpico.

Tem 40 anos este magnífico atleta, que no seu copioso arquivo de triunfos regista um terceiro lugar na corrida de 110 metros-barreiras dos jogos de 1932, em Los Angeles e o segundo posto na mesma prova em 1936, em Berlim.

Sendo ainda o melhor especialista do seu país, Finlay foi seleccionado para os jogos em curso e facilmente atingiu as meias-finais dos 110 metros barreiras.

Na sua meia-final, animado pelos clamores dos seus compatriotas que assistiam na bancada, iniciou na sua meia-final uma prova excelente e chegou à frente dos adversários à décima barreira, dando a exacta noção de ter assegurado o seu acesso à final.

Os deuses do desporto são, porém, muito caprichosos: Finlay tocou neste último obstáculo, desequilibrou-se e foi estatelar-se na pista alguns metros adiante, perdendo dramaticamente o prémio do seu magnífico esforço.

A ovação que recebeu comovidamente, com as lágrimas a turvar-lhe a vista, por certo não bastou para desvanecer a amargura do sonho desfeito, quando estava quasi a ser realidade.

Os deuses treinam

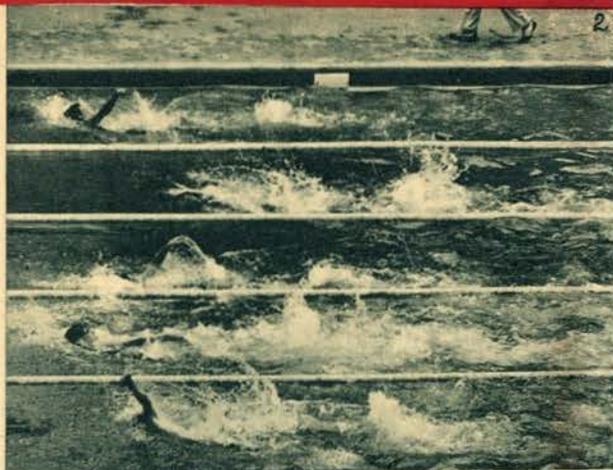
No campo de treinos de Uxbridge, onde se encontram instalados muitos dos atletas olímpicos, um discóbolo lança-a ao céu o seu projectil que, depois de descrita uma parábola magistosa la cair na relva a mais de meia centena de metros adiante. Era o americano Gordien que treinava.

Então, uma espécie de gigante aproxima-se do ponto de queda, apanhava o disco e devolvia-o, também pelo ar, precisamente ao ponto de partida. Gordien repetia o lançamento e um segundo gigante atirava-o igualmente ao ponto de partida.

Eram Consolini e Tosi, os dois famosos italianos, que auxiliavam a preparação do seu mais perigoso adversário.

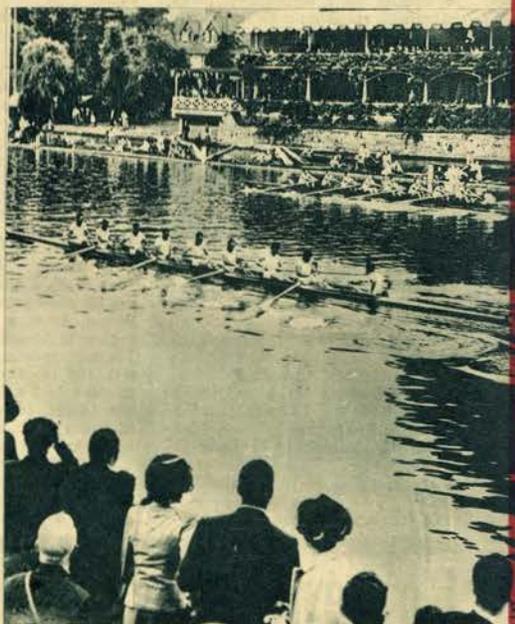
Um grupo de seleccionados franceses, Arifon, André, Damitio, entretraham-se lançando um peso feminino, de quatro quilos e o vencedor atingiu cerca de catorze metros. Aproximou-se um desconhecido, mediano de estatura, mediano de robustez, colheu a esfera, pesou-a na mão e, desdenhosamente, atirou-a fóra... a 25 metros!

Era o lançador de martelo americano Felton.



PORTUGUESES EM LONDRES

Numa das regatas, o "Espadarte", que marcamos com um x, segue à frente de todos os concorrentes, franceses, brasileiros, australianos, suecos, austríacos, holandeses e americanos



1 — Uma das provas de "andorinas" em que Portugal representado pelos irmãos Bello se têm portado excelentemente em competição com italianos, argentinos, brasileiros, uruguais, noruegueses e americanos. O barco português tem o sinal x.
2 — A meio do percurso da eliminatória dos 100 metros, de costas, vêem-se os concorrentes masculinos em plena luta. O nadador português segue na pista n.º 4.
3 — Canadá bate Portugal na 3.ª eliminatória da prova de out-riggers de 8 e em que o nosso país foi representado pela tripulação do Galitos (de Aveiro) que se vê no primeiro plano



Blankets Koen (Holanda) ganha a prova de 200 metros. O seu avanço é razoável, mas a luta para o 2.º lugar desenvolve-se num supremo esforço



O grande atleta americano Harrison Dillard, dando a impressão de pouco esforço, corta a meta em 1.º, numa eliminatória dos 100 metros, seguido do brasileiro H. Pereira da Silva e do norueguês P. Bloch